

A PRODUÇÃO DO ARTESANATO NA QUALIDADE DE VIDA DO ARTESÃO CEARENSE: ESTUDO DE CASO

The Handicraft Production in Quality Ceara's Artisan Life: Case Study

Filgueiras, Araguacy Paixão Almeida; Dra.,; Universidade Federal do Ceará;

aradesign@uol.com.br¹

Araújo, Maria do Socorro de; MSc; Universidade Federal do Ceará;

msdesign@gmail.com²

Resumo

Este artigo resulta da pesquisa de mestrado realizada com grupo de bordadeiras em Itapajé-CE. O trabalho relata a importância que o artesanato representa para as comunidades que o produzem. Os resultados enfatizam como o artesanato pode ser uma atividade economicamente promissora, capaz de preencher alguns dos espaços que a agricultura familiar vem deixando.

Palavras Chave: Artesanato; aspectos socioeconômicos; qualidade de vida.

Abstract

This article is the result of the master's research, conducted with embroidery group in Itapajé - CE. The paper is about the importance of the handicraft for the communities that produce it. The results emphasize the handicraft as a promiser activity that fills the familiar agriculture budget.

Keywords: Handicraft; socioeconomics aspects; quality of life.

1 INTRODUÇÃO

O Ceará tem representatividade na sua economia nas mais diversas expressões de arte. Madeira, barro, metal, couro, palha, cipó, fios e tecidos são as matérias-primas mais utilizadas para os trabalhos artesanais no estado, sendo os dois últimos de maior utilização em rendas, bordados e tecelagem. As atividades artesanais estão tradicionalmente alocadas por todo o Estado com certas tipologias concentradas em algumas regiões. Segundo a Central de Artesanato do Ceará (CEART), a exploração da atividade do bordado no

¹ Professora e Coordenadora do Curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, nas áreas de Tecnologia Têxtil e Confecção; Doutora em Engenharia Têxtil, pela Universidade do Minho-PT, com ênfase em Gestão & Design.

² Professora dos Cursos de Design-Moda e Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará, nas áreas de Tecnologia Têxtil e Confecção; Mestre em Design e Marketing do Vestuário, pela Universidade do Minho-PT.

estado concentra-se nos municípios de Maranguape e Itapajé, sendo este último, o de maior volume de produção e o local de investigação deste trabalho.

A comunidade de Itapajé foi escolhida como objeto do estudo durante o mestrado por ser um local tradicional em bordados, que vem tentando explorar todas as potencialidades de inserção no mercado de forma a melhorar seu contexto socioeconômico. O objetivo deste trabalho é apresentar a importância do artesanato como elemento propulsor na produção tanto sob os aspectos da inovação que proporciona, da preservação da cultura popular, da mão-de-obra utilizada, como também a qualidade de vida que favorece as unidades produtoras.

Para alcançar os objetivos propostos foram utilizados dados de natureza primária, obtidos através da pesquisa direta realizada com as bordadeiras e complementados com informações obtidas junto à Secretaria de Turismo do Estado do Ceará, do Banco do Nordeste, da Secretaria de Empreendedorismo e Ação Social do Governo do Estado do Ceará e Prefeitura Municipal de Itapajé. O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi a entrevista mediante questionário, com questões abertas e fechadas referentes aos aspectos pessoais, sociais e econômicos; investigando-se indicadores de qualidade de vida; amostra composta por quarenta artesãs. Buscou-se coletar informações sobre o perfil socioeconômico e a qualidade de vida das bordadeiras. Apesar de distribuída por todo o Município de Itapajé, a atividade concentra-se em algumas comunidades, produtoras de peças com bordados feitos à mão e à máquina.

O trabalho tem bastante relevância, uma vez que a utilização do artesanato tem-se evidenciado mais e mais nas últimas coleções de muitos e importantes estilistas e grifes. Também, o enfoque nos aspectos socioeconômicos do artesanato especificamente o bordado, como fonte de geração de renda para a população rural do Estado do Ceará permite a inserção e, conseqüentemente, a valorização do bordado. Evidencia-se que tais fatos, têm permitido o crescimento da produção e, obviamente, estímulo às bordadeiras em muitos municípios cearenses. Tendo em vista o contexto no qual a pesquisa foi realizada, seus resultados podem fornecer parâmetros para os Projetos de Qualificação e Melhoria do Artesanato Cearense, que poderão

ser implementados por Instituições como CEART, Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE-CE) ou Secretaria de Trabalho e Empreendedorismo do Governo do Estado do Ceará (SETE), Prefeitura Municipal para outros tipos de políticas públicas.

2 ARTESANATO: BEM CULTURAL, BEM DE CONSUMO E DE GERAÇÃO DE RENDA

O artesanato tem origem da Arábia, e no período das Cruzadas os europeus conheceram os bordados e as rendas feitas pelas mulheres árabes. Na corte francesa, tornou-se símbolo de luxo no reinado de Luiz XIV. A renda foi levada para Portugal onde era produzida principalmente para “enfeitar os paramentos, a vestimenta dos oficiais e os altares da Igreja Romana e, assim foi o seu trajeto até a chegada ao Brasil” (GOMES e ARAÚJO, 2013, p.1).

Trazido para o Brasil pelos portugueses vem sendo desenvolvido em todas as regiões brasileiras com particularidades próprias da cultura e da etnia. De acordo com Roriz (2010 p.43) o Brasil é exemplo de cultura nacional em que várias culturas coexistem. O autor identifica cinco subculturas que apresentam riquezas culturais muito diferentes em cada região “cultura Crioula no Nordeste, a Cabocla no Norte, a Caipira no Sudeste, a Gaúcha no Sul, e a Sertaneja, no interior do Nordeste e no Centro-leste brasileiro”.

Compreende-se que todas as regiões têm o seu valor, e colaboram de modo particular para a grande diversidade de tipologias de artesanato existente no país, representando empreendimento econômico e também um instrumento estratégico de desenvolvimento regional. Todavia, para SANTOS (2007, p.1) muito da herança cultural está inserida nas regiões do Nordeste. No Ceará, por exemplo, existe ampla e “variada produção artesanal, sendo as regiões do interior do Estado responsáveis por sua perpetuação”. O Ceará se destaca em segundo lugar em termos percentuais de municípios com atividade artesanal (76,1%). Conforme o Anuário de Moda do Ceará (2014) a CEART conta com cerca de 42 mil artesãos cadastrados de todo o estado que utilizam uma diversidade de materiais e tipologias como areia colorida, argila, fios e tecidos, madeira, fibra vegetal, couro e o papel/xilogravura. Porém, as principais

tipologias exploradas são rendas e bordados, tecelagem e cerâmica (SEBRAE, 2011). Informação confirmada pelo Anuário da Moda do Ceará (2014, p. 104):

Rendas bordados, labirintos, richelieu, renascença, crochê de linha fina, casa de abelha. Uma quantidade imensa de “tramas” revela a diversidade cultural cearense encontrada nos recantos mais distintos do Estado, onde a presteza das mãos da inventividade dos traços e a riqueza das cores elaboram a delicadeza (ANUÁRIO DA MODA DO CEARÁ, 2014, p. 104).

No município de Itapajé, um destes recantos, a produção do bordado é realizada por grande parte da população. Localizado na região norte do Estado do Ceará, a 124Km de Fortaleza, tem sua população estimada em 48.350 habitantes (CENSO 2010³). Aqui, o bordado é produzido por mais de 80% da população, nos bairros, distritos e pequenas localidades. A atividade movimentava os comércios locais, pois toda matéria prima necessária à produção artesanal é adquirida na localidade. Os traços culturais do município são representados pelo bordado, e as atividades de produção desse artesanato ocupa a “grande mão-de-obra ociosa, marginalizada e pouco qualificada”, e é a principal fonte de renda e sustento para a grande maioria das famílias que desenvolvem tal atividade produtiva (BRAGA, 2006, p.2).

Geralmente desenvolvida em núcleos artesanais familiares, a técnica e produção do artesanato são repassadas de geração em geração, desenvolvem-se com a utilização de materiais disponíveis e acabam expressando a cultura e os gostos locais. Nesse contexto, Pereira (1979, p.21) define artesanato como “um complexo de atividades de natureza manual, através das quais o homem manifesta a criatividade espontânea”. Ribeiro (1983, p.13), complementa: “contém informações de caráter estético, simbólico-religioso, social e étnico, constituindo o estilo tribal ou o macroestilo, correspondente a uma área cultural”.

Zanini (1983, apud SALLES, 1977) aborda o artesanato como um método de trabalho e, por isso, um meio de sustento do homem e da família que o produz e reproduz. Assim, o autor considera o artesanato como um fator

³ http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_ceara.pdf.

de produção nas relações com a vida econômica. Lemos (2011) reitera que nos últimos anos, é perceptível um ritmo de expansão acelerado da atividade artesanal, constituindo-se como uma atividade econômica com grande potencial de crescimento, atuando, inclusive, como fonte geradora de emprego e renda.

O Ministério do Turismo (2013) citando os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informa que no Brasil cerca de 8,5 milhões de brasileiros produzem artesanato, desde a produção até a comercialização do produto. No nordeste são quase 3,3 milhões de artesãos. Tais empreendedores movimentam mais de R\$ 50 bilhões por ano (SEBRAE, 2011; SANTOS 2007).

Para Figueiras (2005) especificamente no Brasil, o artesanato tem sido visto como sistema de produção, que representa empreendimento econômico bem como um instrumento estratégico de desenvolvimento regional por atingir parcelas significativas da população, bem como promove a inserção das pessoas em atividades produtivas, estimulando a prática do associativismo e fixando o artesão no local de origem. Dessa forma, o artesanato é visto e vivido como um dos meios de ocupação e atividade de geração de renda.

3 ARTESANATO E QUALIDADE DE VIDA

As comunidades ou grupos que desenvolvem a atividade artesanal, principalmente nos sertões do Ceará, a têm percebido como única oportunidade de sobrevivência principalmente nos períodos de seca e entressafra, pois como Mendes (2009) afirma: “a atividade artesanal no Ceará é um meio de sobrevivência antigo e bastante diferenciado, ligado à agricultura de subsistência”. Como meio de minimizar as situações vulneráveis com as quais essas comunidades convivem, governos municipais, estadual e federal têm implantado políticas de fomento ao seu desenvolvimento.

No âmbito das políticas públicas de incentivo, foi lançado, em 1995, o PAB⁴, instituído pelo Decreto nº 1.508, de 31 de maio de 1995 e tem por finalidade a geração de trabalho e renda para o artesão, além de coordenar e

⁴ Programa do Artesanato Brasileiro

desenvolver atividades que visam valorizar o artesanato brasileiro, elevando o seu nível cultural, profissional, social e econômico, bem como desenvolver e promover o artesanato e a empresa artesanal, no entendimento de que artesanato é empreendedorismo.

Considerando o potencial turístico de cidades de elevada vocação turística ações especiais e políticas públicas favorecem à ampliação e fortalecimento de polos de produção artesanal. Lemos (2011, p.15) ressalta que o incentivo à produção artesanal se constitui em “forma alternativa de incentivo às economias de base local, assegurando a preservação da cultura local, bem como a geração de emprego e renda para inúmeras famílias, considerando que grande parte dessas pessoas encontra no artesanato uma forma de garantir a própria sobrevivência e a manutenção do bem estar de seus familiares”.

O bem estar familiar e da comunidade à qual a família está inserida é reflexo da qualidade de vida que seus membros têm. Por ser uma temática relativa e subjetiva, a conceituação de Qualidade de Vida passa por diversas abordagens. Amartya Sen, responsável pela metodologia para a construção de índices de desenvolvimento humano utilizados pelo Banco Mundial afirma que “Qualidade de vida é tudo aquilo que a pessoa pode fazer e ser na vida”. Para o cientista o desenvolvimento de um país está essencialmente ligado às oportunidades que ele oferece à população de fazer escolhas e exercer sua cidadania, o que inclui a garantia dos direitos sociais, como saúde e educação, segurança, habitação, cultura e liberdade (FILGUEIRAS, 2005). Alguns autores consideram o ideal de qualidade de vida quando é fornecido à família ou comunidade o mínimo que lhe garanta a sobrevivência, com o pleno atendimento das necessidades básicas, acompanhando a Teoria das Necessidades apresentada por Maslow (ROCHA, 2007), as quais estão organizadas hierarquicamente pela prioridade de satisfação, mas que variam conforme as realidades econômicas e sociais em sociedades distintas.

De acordo com o Relatório do Desenvolvimento Humano 2014⁵ (RDH), o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) enfoca três mensuráveis dimensões do desenvolvimento do ser humano⁶: viver uma vida longa e saudável, ser

⁵ http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2014_pt_web.pdf Acesso em 27/05/2015

⁶ Além de utilizar o PIB per capita, o IDH considera também outros dois componentes que têm enfoque mais social: a Longevidade e a Educação. O indicador renda é mensurado pelo PIB per capita, em dólar PPC (paridade do poder de compra, eliminando as diferenças de custo de vida entre os países); o de longevidade utiliza números de expectativa

instruído e ter acesso aos recursos necessários para um padrão de vida digno. No RDH, estas dimensões são consideradas como capacidades essenciais para o progresso do homem, além de uma quarta que é a de participar na vida da comunidade.

Como relatado anteriormente, as regiões em que as famílias convivem com a seca, sobrevivem da atividade artesanal, o que lhes garante o sustento e, muitas vezes, a satisfação das necessidades básicas. Em períodos em que as atividades agrícolas e turísticas são favoráveis, o artesanato passa a ser uma atividade realizada com maior prazer e estímulo, principalmente quando o investimento público leva os artesãos a terem maior confiança e envolvimento tendo, conseqüentemente, maior valorização do produto desenvolvido.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história de Itapajé, Ceará, teve início em meados de 1837 e, com ela a do artesanato. A habilidade de desenvolver produtos de barro herdada dos indígenas foi forma de produção dos habitantes nativos. Por volta de 1875 foi adquirida a primeira máquina de costura de Itapajé levando à aprendizagem da costura e, para complementar e enfeitar as peças surgiu o bordado à mão. A arte foi aos poucos tomando consistência e espaço e, por volta de 1930, o ponto cruz, richelieu, crochê e o bordado cheio disputavam espaço nas artes manuais desenvolvidas pelas mulheres, principalmente para roupas femininas e infantis; em 1937 algumas mulheres se organizaram e o artesanato tomou cunho comercial, mesmo que de forma incipiente. Ao longo do tempo o bordado à mão e à máquina foi se destacando.

Na década de 1970 acontece a primeira Feira Municipal de Bordados com a exposição e comercialização dos produtos das bordadeiras locais e dos municípios vizinhos. O evento fortaleceu a produção, o mercado foi se expandindo e, na década de 1980, o bordado atingiu seu apogeu principalmente nas peças de moda feminina (LOUSADA, 2002). Itapajé passou a ser considerada a “Capital do Bordado” e, por isso, a realização deste estudo.

de vida ao nascer; e a educação é avaliada pela taxa de analfabetismo e pela taxa de matrícula em todos os níveis de ensino. Essas três dimensões têm a mesma importância no IDH, que varia de zero a um, onde, quanto maior esse valor, melhor a qualidade de vida da localidade em questão (FILGUEIRAS, 2005, 31).

As condições geográficas e climáticas de uma área em que o índice pluviométrico⁷ do município (142,1mm) é abaixo da média estadual (247,3mm), isto é, a irregularidade significativa das chuvas associada à elevada disponibilidade de radiação solar, contribui para a baixa produção agropecuária. Uma fábrica de sapatos, o cultivo da banana, o turismo e o comércio movem a economia do município.

Percebendo o potencial turístico, o poder municipal de Itapajé tem desenvolvido ações vinculando ao artesanato, tem alocado pontos de apoio e vendas no roteiro do circuito turístico, ações tais como, o Projeto de Revitalização do Artesanato de Itapajé (Pra-Ita) e o Itapajé nas trilhas do Ecoturismo.

O Pra-Ita foi uma das iniciativas da prefeitura do município para incentivar a produção do bordado, envolvendo artesãos, estilistas, sociólogo e o Sebrae-CE. Inicialmente foi realizado um diagnóstico onde foram captadas informações diversas dos artesãos e do produto. “Diante do resultado, objetivou-se renovar e revitalizar o artesanato local, com identidade cultural, originalidade, qualidade e diferencial. Aliando-se artesanato e cultura, é possível desenvolver um artesanato criativo, com história, único, diferenciado, competitivo e com sustentabilidade” (Iara Braga, estilista).

Três blocos de conhecimento abrangem o Projeto: motivação, empreendedorismo e desenvolvimento de produto. Foi realizada a capacitação dos profissionais através de módulos, onde ocorreram dinâmicas, vivências, oficinas, discussões e jogos oportunizando conhecer etapas de construção do saber e do fazer. Artesanato e cultura foram temas trabalhados no primeiro módulo, a inter-relação entre esses dois elementos e o seu cotidiano. No módulo seguinte foram abordados o artesanato ocasional e o artesanato profissional, que têm preocupação com o produto, o mercado e o cliente. Conhecimentos administrativos e comerciais foram explorados neste momento. No último módulo foram trabalhados o design, o processo criativo e o desenvolvimento do produto. Neste, os envolvidos foram levados a trabalhar os elementos que fizeram parte da infância, da vida e o que os rodeiam, permeando o dia-a-dia. Essa sequência de ações os levou à prática e ao

⁷ <http://www.funceme.br/app/calendario/produto/municipios/media/anual> Acesso em 26/05/2015

desenvolvimento de peças comercializáveis com qualidade bem superior à apresentada anteriormente à capacitação.

As artesãs entrevistadas são de oito localidades, mas as envolvidas no Projeto moram nas seguintes comunidades: Pitombeiras, Padre Manoel, Barateiro, Padre Lima (Pau Ferrado), Camará e Sede; as quatro últimas foram exatamente as comunidades exploradas neste estudo. Observou-se que na comunidade (Barateiro) que mais interiorizou e colocou em prática os conhecimentos e os objetivos do Pra-Ita, as bordadeiras valorizam e defendem seu produto, participam efetivamente do seu desenvolvimento e comercialização de forma coletiva. Sua produção artesanal é diferenciada, na qualidade do bordado e na peça em si, que é bem melhor. Outros fatores são perceptíveis como o grau de discussão sobre o custo/valor das peças que é superior ao preço de similares feitas por outras comunidades; os argumentos para o processo de elaboração; desenvolvimento e comercialização se sobrepõem ao ato de bordar, pois as bordadeiras definem o tipo de produto, as influências que o meio tem sobre os desenhos a serem elaborados e outros aspectos que consideram para a valorização total do produto, com a consciência de que as peças do Barateiro apresentam outro nível comparando de outras comunidades próximas.

Com o objetivo de verificar os índices de qualidade de vida e de desenvolvimento humano das famílias pesquisadas, procurou-se conhecer os fatores que interferem diretamente em suas condições de vida, através dos dados coletados em observações e entrevistas. De posse desses dados – objetivos e/ou subjetivos – procedeu-se à construção dos índices de qualidade de vida e de desenvolvimento humano. Os indicadores utilizados para a construção dos referidos índices são: Acesso à educação, Condições de saúde, Condições sanitárias e de moradia, Formas de vida e lazer, Situação ocupacional, Relações de consumo, Expectativa de vida e Renda. Vale ressaltar que os valores encontrados⁸ refletem tanto os escores quanto o grau de satisfação (baixo/ruim, médio/bom, elevado/ótimo) de cada entrevistada em relação aos indicadores em questão. Aqui vamos nos deter ao nível de

⁸ A dissertação completa apresenta as fórmulas utilizadas, escores e construção dos índices. Devido à limitação de espaço deste Artigo, todos os resultados poderão ser encontrados em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/713>

satisfação das entrevistadas como reflexo da sua percepção sobre os itens que constituem o nível de qualidade de vida.

Conforme relatado anteriormente, a avaliação sobre qualidade de vida é subjetiva e relativa, varia entre os indivíduos, sendo de acordo com sua história de vida, crenças e valores. Assim, a percepção em relação às Condições de vida as entrevistadas demonstraram os níveis de satisfação a seguir. Com relação ao Acesso à educação verifica-se que pessoas de idade mais avançada têm baixo nível enquanto as mais jovens apresentam nível de satisfação elevado. Isso se deve ao acesso à escola que as novas gerações têm e as anteriores, não; além do tempo (anos) que frequentam a escola. No item Condições de saúde apresentam nível médio, mas que relataram a dificuldade de adquirir remédios e que os preços destes são muito altos.

Com relação às Condições sanitárias e de moradia o nível das famílias pode ser considerado bom, pois com exceção do destino do lixo (nas comunidades no alto da serra, fato ligado à incidência de verminoses e diarreias), as demais condições se encontram em nível que atende às necessidades e permitem certo nível de conforto.

A variável Formas de vida e lazer apresenta nível médio; embora as entrevistadas prefiram visitar parentes e amigos, banho de lagoa e açude como também assistir TV, gostariam que a cidade tivesse mais opções de lazer.

Com relação à Situação ocupacional as pessoas demonstram nível bom de satisfação. Verificou-se, em grande maioria das famílias, a participação de vários membros na atividade artesanal, como companheiro, pais e filhos da entrevistada. Contudo, o baixo preço das peças torna algumas entrevistadas insatisfeitas, fato não observado nas comunidades organizadas, nas quais relatam os bens que adquirem com a renda proveniente da atividade artesanal, o que já tem a ver com as Relações de consumo. Nesse item grande maioria se considera insatisfeita com a renda, parecendo ser situação contraditória uma vez que é elevado o nível de consumo de bens duráveis. Nesse caso entram em discussão outros valores como os levantados por Maslow na Teoria das necessidades.

Na variável Expectativa de vida quase todas as entrevistadas têm satisfação de média a alta. Crê-se que, em virtude de formarem uma população

jovem, visualizam este aspecto como positivo. Estão satisfeitas com o seu estado de saúde, com a idade que têm e a de seus familiares, sem vislumbrar ou ser consciente das perspectivas. O item Renda é o que apresenta o pior grau de satisfação. Mesmo com os programas governamentais, a maior parte da renda das famílias provém do artesanato e é considerada bastante significativa no orçamento familiar. Condições financeiras adequadas favorecem às famílias o acesso a bens e serviços que refletem no conforto, no prazer, enfim, na qualidade de vida, mas que está aquém do seu desejo.

Os resultados vistos nos mostram que sob alguns aspectos as entrevistas estão satisfeitas medianamente, contudo, a média se configura abaixo do nível médio. Considerando as características do município, no qual a renda com a atividade artesanal se sobrepõe à agropecuária, a convivência com os efeitos da seca são amenizados pelos recursos provenientes do artesanato, permitindo o nível de qualidade de vida ora apresentado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as dimensões educação, perspectiva de vida e renda, necessárias à construção do IDH, foram utilizados indicadores que levam à percepção das entrevistadas quanto ao nível de satisfação de sua qualidade de vida, cujas variáveis interferem de um modo geral na compreensão das artesãs. Contudo, verifica-se que, devido aos grandes períodos de estiagem e seca da localidade, o artesanato se configura, muitas vezes, a única fonte de renda das famílias.

Tendo em vista o contexto no qual a pesquisa foi realizada, seus resultados podem fornecer parâmetros para os projetos de qualificação e melhoria do artesanato cearense, que poderão ser implementados por Instituições como CEART, SEBRAE-CE, Secretaria de Desenvolvimento do estado, Prefeitura Municipal e outros tipos de instituições, reconhecendo-se a necessidade de se construir um mundo de inclusão social, criando e compartilhando a riqueza social com desenvolvimento sustentável e participação coletiva nas políticas públicas. Idealizando, seria um programa em nível global, numa visão social, ecológica, política e econômica: um desafio para promover a artesanaria e todos os envolvidos.

6 REFERÊNCIAS

BRAGA, Iara Mesquita da Silva. **Bordado**: fonte de renda e desenvolvimento humano no município de Itapajé. Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/2-Coloquio-de-Moda_2006/artigos/52.pdf. Acesso em: 26/05/2015.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Anuário de moda do Ceará 2014**. Fortaleza, 2014.

FILGUEIRAS, Araguacy P. A. **Aspectos socioeconômicos do artesanato em comunidades rurais no Ceará – O Bordado de Itapajé-CE/**, Fortaleza: UFC/CCA/DEA, 122 p. 2005. Dissertação Mestrado (Economia Rural). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

GOMES, Glória C. C.; ARAÚJO, Maria do S. de. **Artesanato e moda**: inovação e funcionalidade – uma referência cultural no Piauí. Anais do 9º Colóquio de Moda – Fortaleza- Ceará - 2013.

FUNCEME, 2015. Disponível em:

<http://www.funceme.br/app/calendario/produto/municipios/media/anual> Acesso em 26/05/2015.

LEMOS, Maria E. S. **O artesanato como alternativa de trabalho e renda**. Dissertação de Mestrado em Políticas Públicas. Universidade Federal do Ceará, 2011.

LOUSADA, Ésio L. **Cronologia do artesanato em Itapajé**. Prefeitura Municipal de Itapajé, 2002.

MENDES, Francisca R. N. **A louça de barro do córrego de areia**: tradição, saberes e itinerários. Tese de Doutorado em Sociologia. UFC, 2009.

MINISTÉRIO DO TURISMO: **Turismo investe R\$ 57 milhões em centros de artesanato. 2013**. Disponível em:

http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20131218-1.html. Acesso em: 05/05/2015.

PEREIRA, José Carlos da Costa. **Artesanato** – definições, evolução e ação do Ministério do Trabalho, programa nacional do desenvolvimento do artesanato. Brasília: Ministério do Trabalho, 1979.

RELATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO 2014. Disponível em:
http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2014_pt_web.pdf Acesso em
27/05/2015

RIBEIRO, Berta G. et al.. Artesanato indígena: para quê e para quem? In:
_____ **O Artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea.**
Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983.

ROCHA, M. A. V. **Study of consumer clothing behaviour and its relevance
to successful fashion product development.** Tese de Doutorado, em Design
de Moda. University College for the Creative Arts/University of Kent, 2007

RORIZ, Priscilla C. de O. **O trabalho do artesão e suas interfaces culturais-
econômicas.** 2010. 197 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do
Trabalho e das Organizações)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SALLES, Vicente. Artesanato brasileiro – seu universo. In: ZANINI, Walter.
(Org). **História geral da arte no Brasil.** São Paulo: Instituto Walter Moreira
Salles/Fundação Djalma Guimarães, 1983.Vol. II.

SANTOS, E. T. **Exportações de artesanato no Ceará no período de 2004 a
2006:** desafios e oportunidades. 2007. 96 p. Dissertação de (Mestrado
Administração). Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2007.

SEBRAE. **Estudo setorial artesanato 2011.** Disponível em:
<[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/E1B356515E8B5D6D832576
25006D7DA9/\\$File/NT00041F56.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/E1B356515E8B5D6D83257625006D7DA9/$File/NT00041F56.pdf)>. Acesso em 30/07/2011.